

Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho
Primer Semestre, año 2017.
Volumen 4, número 1.

La Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho es una publicación de la Unidad de Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho, de la Facultad de Derecho de la Universidad de Chile.

Es una publicación internacional, con trabajo conjunto entre Chile y Brasil. La Revista tiene por objetivo central configurarse como un espacio académico de encuentro entre investigadores, abogados y expertos en educación (licenciados en educación, profesores, psicólogos educacionales y sociólogos de la educación) a propósito de la investigación sobre pedagogía universitaria, docentes universitarios, estudiantes universitarios, enseñanza-aprendizaje del derecho, prácticas docentes, profesión jurídica y currículo.

Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho

En línea. Coodirección

Chile Dra. María Francisca Elgueta. Brasil Dr. Renato Duro Dias.

ISSN 0719-5885

rpedagogia@derecho.uchile.cl

+56 2 9785397

Algunos derechos reservados. Publicada bajo los términos de la licencia Creative Commons atribución - compartir igual 4.0 internacional.



ESTADO ATUAL DA (RE) CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE COMO CATEGORIA TEÓRICO – PRÁTICA E A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

**The current state of the (re) alterity construction as category
theory-practice and the contribution of higher education.**

**Estado actual de la (Re) construcción de la alteridad como
categoría teórica-práctica y su contribución a la Educación
Superior**

Ada Augusta Celestino Bezerra¹

Kátia Maria Limeira Santos²

Soane Maria Santos Menezes Trindade Silva³

Márcia Alves Carvalho Machado⁴

¹ Pós-Doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Pt). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV-RJ). Pedagoga pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Titular Pleno 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT – SE). Coordenadora do Observatório de Educação da UNIT/CAPES. Coordenadora Local do DINTER PUCRS/UNIT-SE. Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professores (GPGFOP/UNIT/CNPq). adaaugustaeduc@gmail.com

² Maestra en Educación por la Universidad Tiradentes y Maestra en Ciencias y Matemáticas por la Universidad Federal de Sergipe. Psicóloga. kmlsantos@gmail.com

³ Doctoranda en Educación de la Universidad Tiradentes. Maestra en Educación por la UNIT. Asistente social. soanemenezes@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de mapear o estado do conhecimento sobre a alteridade a partir das publicações indexadas à base de dados *Scopus*, no período de 2003 a 2015, na grande área do conhecimento das ciências sociais e humanidades, decorrentes da contribuição da educação superior. Revela a posição teórico-metodológica das autoras assim como o resultado da análise de conteúdo que desenvolvem dos 41 artigos identificados, à luz de Bardin (2011), chamando a atenção para a dispersão das trajetórias teórico-metodológicas, mas também apontando descritores mais comuns na abordagem à temática e os autores que representam o fundamento dos marcos teóricos que têm permitido a reconstrução da categoria alteridade. Destaca os periódicos que mais têm priorizado a temática e identifica/agrupa subáreas das ciências sociais e humanas com as produções pertinentes (Psicologia, Antropologia/Sociologia, História/Filosofia/Política, Letras/Artes, Educação, Biologia/Saúde e Educação Física/Desporto). Nas considerações finais destaca a emergência da temática, apontando a necessidade de estudos sobre a alteridade na educação básica, na educação superior, especialmente nas agências formadoras, nas políticas públicas, no trabalho do professor e na formação humana, principalmente na educação formal.

Palavras-chave: Alteridade; Área de Ciências Sociais e Humanidades; Estado do Conhecimento.

Abstract: This article aims to map the state of knowledge of otherness from the publications indexed in Scopus database, in the period 2003-2015, in the area of knowledge of the social sciences and humanities, stemming from higher education contribution. The theoretical and methodological position of authors as well as the result of content analysis to develop the 41 articles identified in the light of Bardin (2011), drawing attention to the spread of the theoretical and methodological trajectories, but also pointing more common descriptors in approach to the theme and the authors who represent the foundation of theoretical frameworks that have allowed the reconstruction of otherness category. It highlights the journals that most

⁴ Doctoranda en Educación de la Universidad Tiradentes. Maestra en Educación por la UNIT. Licenciada en Historia. mac_machado@hotmail.com

have prioritized the issue and identifies/group sub-areas of the humanities and social sciences with the relevant productions (Psychology, Anthropology / Sociology, History / Philosophy / Politics, Language / Arts, Education, Biology / Health and Physical Education / Sport). The conclusion shows the emergence of the theme, pointing out the need for studies on otherness in basic education, higher education, especially in forming agencies, public policy, the teacher's work and human development, mainly in formal education.

Keywords: Otherness; Social Sciences and Humanities; Knowledge State.

Resumen: Este artículo pretende trazar un mapa del estado de conocimiento de la alteridad a partir de las publicaciones indexadas en la base de datos Scopus, en el período 2003-2015, en el área de conocimiento de las ciencias sociales y humanas, derivadas de la contribución de la educación superior. La posición teórica y metodológica de los autores, así como el resultado del análisis de contenido para desarrollar los 41 artículos identificados a la luz de Bardin (2011), señalando la difusión de las trayectorias teóricas y metodológicas, pero también apuntando a descriptores más comunes en el enfoque Al tema ya los autores que representan la fundación de los marcos teóricos que han permitido la reconstrucción de la categoría de la alteridad. Destaca las revistas que más han priorizado el tema e identifica / agrupa sub-áreas de las humanidades y ciencias sociales con las producciones relevantes (Psicología, Antropología / Sociología, Historia / Filosofía / Política, Lengua / Artes, Educación, Biología / Salud y Educación Física / Deporte). La conclusión muestra la emergencia del tema, destacando la necesidad de estudios sobre la alteridad en la educación básica, la educación superior, especialmente en los organismos formadores, las políticas públicas, el trabajo docente y el desarrollo humano, principalmente en la educación formal.

Palabras clave: Alteridad, Ciencias Sociales y Humanidades; Estado del Conocimiento.

INTRODUÇÃO

A alteridade é um tema crescentemente discutido na educação superior, no âmbito das diversas áreas do conhecimento, inclusive na economia política, sendo relevante no atual contexto do país quando a sociedade civil cobra do Estado a alteridade também nas políticas públicas. Como categoria de análise teórica adquiriu centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna através do hegelianismo; na contemporaneidade é discutida nos diferentes paradigmas.

Este artigo tem o objetivo de analisar a produção recente do conhecimento sobre a alteridade nos anos 2013-2015, identificando posições e tendências teórico-metodológicas, considerada a base de dados *Scopus*⁵. A relevância do estudo reside no esforço de contribuir para a superação de lacunas de estudos de estado da arte e/ou do conhecimento sobre o tema no contexto da educação superior.

Etimologicamente, alteridade vem do latim *alteritas*, que significa ser o outro, colocar-se ou constituir-se como outro⁶. Apesar das especificidades das áreas, há de

⁵ A Scopus (SciVerse Scopus), propriedade da Elsevier, é a maior base de dados bibliográficos a respeito da literatura científica revisada por pares, contemplando 50 milhões de registros (sendo que 29 milhões deles incluem referências, até 1995 – 84% também com resumos – e 21 milhões anteriores a 1996 que recuam até 1823). Integra, em resultados de busca, 545 milhões de resultados científicos da web e 25,2 milhões de patentes de 5 escritórios de patentes (Escritório Americano de Marcas e Patentes (USPTO), Escritório Europeu de Patentes (EPO), Escritório Japonês de Patentes (JPO), Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e Escritório de Propriedade Intelectual do Reino Unido (IPO), conforme <http://www.americatina.elsevier.com/sul/pt-br/scopus.php> Essa base de dados cobre a produção de pesquisa do mundo nas áreas de ciência, tecnologia, medicina, ciências sociais e artes e humanidades. “Scopus é a maior base de dados de resumos e citações da literatura peer-reviewed: revistas científicas, livros e anais de conferências. Cumprindo uma visão abrangente, Scopus oferece ferramentas inteligentes para acompanhar, analisar e visualizar pesquisa” (<https://www.elsevier.com/solutions/scopus>). Alcança 21.000 títulos e mais de 5.000 editoras internacionais, incluindo a cobertura de 16.500 revistas peer-reviewed (<http://www.americatina.elsevier.com/sul/pt-br/scopus.php>).

⁶ Jonathan de Oliveira Molar, “Alteridade: uma noção em construção”. In VIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência Nas Escolas (CIAVE). Curitiba: PUCPR, 1443-1445. 2008; Cecilia Osuna Lever et al., “Operacionalización e indicadores de la pedagogía de la alteridad”, *Teoría de la Educación* 28, n.º2 (2016): 185-200; Pedro Ortega Ruiz, “La ética de la compasión en la pedagogía de la alteridad”, *Revista Española de Pedagogía* 74, n.º 264 (2016): 243- 264.

comum na Psicologia, Filosofia, Antropologia e Sociologia que a alteridade é o reconhecimento pelo indivíduo daqueles que são distintos dele “[...] Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”⁷. A diversidade é seu fundamento e elemento fundamental na construção da identidade, entendido aqui o homem como fruto de múltiplas determinações: reconhecer-se no outro, não obstante as diferenças físicas, socioeconômicas, psíquicas e culturais. Implica a convivência de valores diferentes, o confronto de identidades em um mesmo grupo social ou entre membros de culturas diferentes, assim como a contínua reconstrução identitária. Ainda se pode acrescentar à origem do termo citada (de meados do século IV) a expressão que vem do francês *altérité* (1270) e significa alteração e mudança. Hoje representa a natureza ou condição do que é outro, do que é distinto.

A perspectiva que inspira esta pesquisa sobre a alteridade é a humanista dialética, considerando a contribuição de Marx (1996)⁸, Hobsbawm (1985)⁹ e Oliveira (1988)¹⁰ no viés econômico e social. Entendemos que essa categoria funda-se na concepção de homem como um ser social, portanto, que desenvolve relações com a natureza em seu sentido amplo, inclusive com o “outro”, fundamentalmente sob o prisma econômico, representando a base da produção e reprodução da existência.

Sob condições capitalistas, na troca de mercadorias está suposto o outro, desde a troca direta de mercadorias. Nesse sentido Silva, Machado e Bezerra¹¹ elucidam que

⁷ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, 3. ed. (São Paulo: Martins Fontes, 1998), 34-35.

⁸ Karl Marx, *O capital: crítica da economia política* v.1. Livro 1. Trans. by Regis de Barbosa e Flávio T. Kothe (São Paulo: Nova Cultural, 1996).

⁹ Eric Hobsbawm, “Introdução”, in *Formações econômicas pré-capitalistas by Karl Marx* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985).

¹⁰ Oliveira, Francisco de, “O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público” *Novos Estudos Cebrap* n.º 22. (1988): 8-28. Também véase Adalberto Moreira Cardoso, “Economia por sociologia: Eficiência ou democracia nas relações de trabalho?”, *Dados* 43, n.º 1 (2000): 45-82; Ricardo Antunes, “The meanings of work: Essay on the affirmation and negation of work”. *Historical Materialism Book Series* 43 (2013): 1-272; André Leme Alessandro, “Desenvolvimento e sociologia: uma aproximação necessária”, *Sociedade e Estado* 30, n.º 2 (2015): 495-527.

¹¹ Soane Menezes Trindade Silva et al., *Alteridade: para mim e para si* (Anais do XXI EPENN. Recife: PE, UFPE, 2013). Também véase Adrián Vázquez Fernández, “Tres conceptos de alteridad: una lectura actitudinal”, *Daimon* 61 (2014): 75- 91; Marcos Santos Gómez, “Alteridad y sujeto. Educar desde una realidad rota”, *Bordón: Revista de Pedagogía* 68, n.º 3 (2016): 147-159; Francesco Grané

no capitalismo os homens defrontam-se, tacitamente, como proprietários privados de coisas alienáveis (mercadorias), portanto, apresentam-se como pessoas independentes entre si. A partir dessa realidade, na qual o homem através do processo de trabalho incorpora-se à produção de produtos, constata-se sua desumanização, uma perda progressiva dos laços sociais que o uniam aos demais homens, advindos dos modos de produção anteriormente existentes. O modo capitalista de produção da existência leva a uma ausência progressiva da alteridade, contribuindo para que o trabalhador seja visto apenas como mercadoria em detrimento do seu ser social.

Para a apreensão da configuração da alteridade no modo de produção capitalista, conforme o pensamento Marxista, parte-se da sua concepção de trabalho como atividade humana dirigida a um fim, relação do homem com a natureza e com os outros homens, fundante das relações econômicas e sociais¹². O objeto de estudo de Marx em suas obras é o modo de produção capitalista, que separa o agente do processo de trabalho da propriedade dos meios de produção. Esta é a referência de Marx à identidade e à oposição a ela. Uma vez que as coisas tenham valor de troca, os membros de uma comunidade trocam-nas por mercadorias de outra(s) comunidades(s), processo visto como uma relação de estranhamento, mas que se transforma num processo social regular, que progressivamente faz a metamorfose da mercadoria em dinheiro.

Sob essa ótica, defrontam-se o capitalista (possuidor de dinheiro) e o trabalhador livre (proprietário da força de trabalho), relação que, conforme Marx¹³, não faz parte da história natural ou social, comum aos períodos históricos, sendo fruto do desenvolvimento histórico anterior, das diferentes revoluções econômicas e da decadência de formações sociais mais antigas, portanto uma produção humana, que pode ser substituída por outras formas também humanas, considerando o homem, motor da história. O trabalho assalariado surgiu como anúncio do capitalismo de uma época de 'produção social', em que a força de trabalho assume a forma de

Terradas, "Identidad, alteridad y fantasía en un entorno tecnológico", *Pensamiento* 71, n.º 269 (2015): 1361-1373.

¹² Marx, *O Capital*.

¹³ *Ibid.*

mercadoria, de propriedade do operário, viabilizando a troca de equivalentes (trabalho assalariado).

Carregando em si sua contradição, o capitalismo, a partir do aumento dos trabalhadores num mesmo processo de trabalho, fez emergir a cooperação, entendida por Marx como a “forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado e conjuntamente, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos...”¹⁴. Pela cooperação os trabalhadores entram em relação com o mesmo capital, mas não entre si, pois quando ela acontece eles já deixaram de pertencer a si mesmos, estão agora incorporados ao capital, “...eles não são mais do que um modo específico de existência do capital. A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, portanto, força produtiva do capital”¹⁵.

Essa força é vendida pelo trabalhador assalariado, ‘livre’, para o capital, condição que, em tese, diferencia esse tipo de cooperação daquelas que ocorriam nas comunidades primitivas nas origens da humanidade ou na cooperação em grande escala que ocorria na Idade Média ou nas colônias modernas. Nessa relação, estabelecida entre os trabalhadores assalariados e o capital, que também reflete a alienação, vista por Marx como processo da vida econômica, “por meio do qual a essência humana dos operários se objetivava nos produtos do seu trabalho e se contrapunha a eles por serem produtos alienados e convertidos em capital” (Marx 1996, 9), a essência humana dos trabalhadores objetiva-se nos produtos do seu trabalho e se contrapõe a eles, por serem produtos alienados e convertidos em capital. O sujeito aliena-se, comprometendo radicalmente sua relação de alteridade, uma vez que sua identidade está subsumida no capital.

Sem negar esses pressupostos da perspectiva humanista, emergiu no século XX a teoria da complexidade que avança no conceito de alteridade, fundada em Morin et al¹⁶., de origem Marxista, o qual, a partir de 1998, dedicou-se à educação entendida como responsabilidade cidadã e planetária. Esse novo paradigma, que tem tido eco

¹⁴ Ibid 442.

¹⁵ Ibid, 449.

¹⁶ Edgar Morin, *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*, trans. por Sandra Trabucco Valenzuela;. 3. ed. (São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2009).

na educação superior, traz à tona a categoria amor que não acontece simplesmente projetando a nossa verdade sobre o outro, mas a partir do momento em que nos contaminamos pela verdade do outro. No contexto dessa teoria são rediscutidas as relações humanas e o conhecimento no processo educacional assume a perspectiva de um mundo que permitirá articular, religar e até globalizar, na busca do conhecimento pertinente e contextualizado, partindo da situação planetária e da humanidade na sociedade contemporânea, o que afeta a alteridade nas relações entre os homens comprometidas pela fragmentação, pelo individualismo e pela falta de comunicação.

Morin¹⁷ aponta como marco da era planetária o final do século XV e o início do XVI, com a descoberta da América por Colombo, a circunavegação ao redor do globo e a descoberta copernicana de que a terra é um planeta que gira em torno do sol, ou seja, “... a era planetária desenvolveu-se através da colonização, na escravidão, da ocidentalização e, também da multiplicação das relações e interações entre as diferentes partes do globo¹⁸”. Esse percurso tem conduzido a contextos em que é urgente saber quem somos, o que nos alcança, ameaça, influencia e até o que a gente acredita quanto ao futuro.

Destaca-se nesse paradigma a perspectiva de humanização do processo econômico. Nesse sentido a educação favorece a criatividade, a criticidade, o repensar do pensar o pensamento e o instituído, em favor de mudanças que beneficiem a sociedade e seus indivíduos, constituindo-se em um espaço de salutar convivência com o diferente, com o outro, via pela qual se dará a reforma do pensamento, do que resultará a unidade da cultura geral com a cultura científica e técnica¹⁹. Assim, a transdisciplinaridade é mais que uma metodologia; é uma atitude diante do outro, uma visão de mundo atenta à relação de interdependência do passado, presente e futuro da humanidade, através do conhecimento pertinente. Nesse caminho, o futuro nasce do presente, numa lógica que remete à dificuldade de pensar o futuro e o presente. A necessidade de entender os problemas locais e globais e locais, compreendendo a sua complexidade, impõe um sistema educacional que não separe

¹⁷ Edgar Morin, *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*, trans. Por Maria da Conceição de Almeida and Edgar de Assis Carvalho, 4. ed. (São Paulo: Cortez, 2007).

¹⁸ Edgar Morin, *Educar na Era Planetária*, 11.

¹⁹ Edgar Morin, *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, trans. Eloá Jacobina. 8. ed. (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003).

ou fragmente os conhecimentos. Sua premissa é que tudo está ligado, não só na realidade humana, como também na realidade planetária, o que põe em cheque a organização do conhecimento por disciplinas enclausuradas.

Na complexidade da relação indivíduo e sociedade, Morin (2008b) traz duas categorias fundamentais: vida (sistema de reprodução cujo produto final são os indivíduos que também passam a ser produtores de vida e da sociedade) e o amor, já referido, ambos imprescindíveis à alteridade. Nesse contexto o amor é o ponto mais alto da relação entre a loucura e a sabedoria, condenados que estamos a esse paradoxo em nós. Reconhece também que é na poesia, para além da sua forma literária, como outro estado do ser, que ocorre o amor a partir da admiração, da participação, da união, da ira e da embriaguez que obtém em si todas essas expressões:

Ignoramo-lo, crendo adorá-lo.

Aí está, na verdade, uma das tragédias do amor, a incompreensão de si mesmo e do outro.

Mas a beleza do amor é a interpenetração da verdade do outro em si e da de si no outro, é encontrar a sua verdade na alteridade.

Morin (2008) chama a atenção para a busca incessante de sentido para o cotidiano, sentido que não nasce da exterioridade dos seres, mas surge da participação, da fraternidade e do amor. E é quando o amor e a poesia nascem, para fins e meios de viver, que se encontra o pleno sentido do viver. “O amor contém um risco terrível porque não é somente um que se engaja nele. Engaja-se a pessoa amada, engajam-se também os que nos amam sem que nós os amemos, ou os que amam a pessoa amada sem que ela os ame²⁰”.

Esse contexto da sabedoria quanto à auto ética, implica um processo constante de auto avaliação e aceitação da posição do outro a nosso respeito. É a dialógica

²⁰ Edgar Morin, Da necessidade de um pensamento complexo. para navegar no século xxi: tecnologias do imaginário e cibercultura, trans: Juremir Machado da Silva. 2008, 29.

humana, traduzida na dialógica *sapiens-demens*²¹. Nessa perspectiva a verdade do amor não acontece simplesmente projetando a nossa verdade sobre o outro, mas a partir do momento em que nos contaminamos pela verdade do outro. Querer encontrar no outro a resposta que se projeta subjetivamente consiste em uma tragédia, portanto uma característica do *homo demens* (delírio, loucura), o que conduz ao individualismo que embora possua a expressão da liberdade, da autonomia, também expressa a solidão e a angústia, resultando numa relação perturbada.

Este artigo convida o leitor a (re) visitar algumas trajetórias teórico-metodológicas identificadas no estudo do estado do conhecimento desenvolvido a partir das publicações atuais, advindas da academia, qualificadas, que se encontram na base de dados *Scopus*.

METODOLOGIA

A partir das reflexões postas na Introdução, destacam-se as questões do estudo: Quais as subáreas da área de Ciências Humanas, considerada a tabela atual de áreas do conhecimento adotada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)²², que estão (re)construindo a temática da alteridade? Quais as abordagens teórico-metodológicas que assinalam esses estudos sobre a alteridade? Como se configura essa produção em cada uma dessas subáreas?

A revisão da literatura apontou para essa demanda como socialmente necessária, de modo a avançar na produção de análises que integrem as diversas investigações já desenvolvidas através de concepções e procedimentos distintos, que possam vir a subsidiar políticas educacionais, lidando com os conflitos sociais e com as contradições, na compreensão das relações macro ou microestruturais, no âmbito da sociedade política e da sociedade civil.

Entende-se ser esse o caminho que pode conduzir a sínteses indutoras de novas políticas educacionais. É nessa perspectiva que é analisado o conjunto de produções

²¹ Edgar Morin, Amor, poesia, sabedoria, trans. Edgar de Assis Carvalho. 8. ed. (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008).

²² Ver <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>

de conhecimento sobre a alteridade, a partir das questões expostas, na tentativa de preencher as lacunas em termos de estado da arte e/ou do conhecimento. O método orientador é o dialético Marxista, que confronta as teses defendidas por cada autor com as antíteses emergentes em suas pesquisas teórico-empíricas, para daí identificar as sínteses propostas.

Trata-se de pesquisa descritiva que se configura como teórica, do tipo estado do conhecimento, assim descrita por Morosini e Fernandes²³. A abordagem aos artigos identificados no período de 2003 a 2015 é de natureza qualitativa com base em Franco e Ghedin (2011)²⁴. O procedimento metodológico aplicado foi a análise de conteúdo - AC - cuja finalidade é “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)²⁵”.

23 Marília Costa Morosini y Cleoni Maria Barboza Fernandes, “Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções”, *Educação por escrito, Porto Alegre* 5, n.º 2 (2014): 154-164.

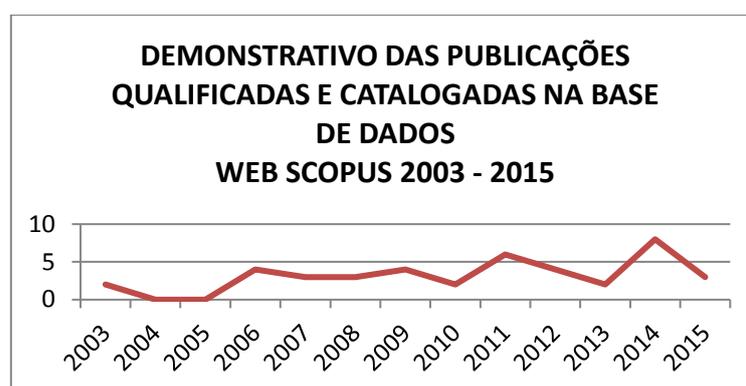
24 Maria Amélia Santoro Franco & Evandro Ghedin, *Questões de método na construção da pesquisa em educação*, (São Paulo: Cortez, 2011). También véase José Juan Barba-Martín et al., “Que la fuerza esté contigo: desvelar el lado oscuro de la investigación en educación”, *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación* 7, n.º 14 (2014): 125-140; Carolina Guzmán-Valenzuela, “Polos epistemológicos: uso y construcción de teoría en investigación cualitativa en educación”, *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación* 7, n.º 14 (2014): 15-28; Zaira Navarrete Cazales, “La Investigación en educación. Epistemologías y metodologías”, en *La investigación en educación. Epistemologías y metodologías*, coord. por Patricia Ducoing (Ciudad de México: Plaza y Valdés/AFIRSE), *Revista Mexicana de Investigación Educativa* 22, n.º 72 (2017): 229-234; Marcos Villela Pereira y Magda Floriana Damiani, “Agruras dos avaliadores: Em busca de qualidade na pesquisa em educação”, *Cadernos de Pesquisa* 45, n.º 158 (2015): 818-837.

25 Laurence Bardin, *Análise de conteúdo*, trans. by Luís Antero Reto & Augusto Pinheiro (São Paulo: Edições 70. 2011), 38. También véase Noor Izzati Ariff & Zaidatun Tasir, “Meta-analysis of content analysis models for analysing online problem solving discussion”, *IEEE Conference on e-Learning, e-Management and e-Services, IC3e 2015* 7403503, 148-152; Nicu Sebe & Qi Tian. “The use of non-conventional methods for content analysis and understanding: panel overview”, *MM'10 - Proceedings of the ACM Multimedia 2010 International Conference*, 1719; Ryan K. Boettger & Laura A. Palmer, “Quantitative content analysis: its use in technical communication”, *IEEE Transactions on Professional Communication* 53, n.º 4 (2010): 346-357; Christopher Weare & Wan-Ying Lin, “Content analysis of the world wide web opportunities and challenges”, *Social Science Computer Review* 18, n.º 3 (2000): 272-292.

A referência objetiva imediata, ou o *lócus* da pesquisa, foi a base de dados *Scopus*, na categoria de artigos científicos [considerando as variáveis: metodologia adotada, objeto e objetivos de pesquisa, referências, categorias (ré) construídas e conclusões apontadas]. Por essa via pretende-se evidenciar a atualidade da categoria alteridade e sua presença nas várias posições teórico-metodológicas da ciência moderna.

Conforme demonstra o Gráfico 01 há uma tendência ao crescimento de pesquisas na educação superior sobre a categoria em estudo, embora assinalada por flutuações; o maior número de publicações concentra-se nos anos de 2006, 2009, 2011 e 2014, com quedas de produção intercaladas.

GRÁFICO 01



FONTE: Autora a partir da Base de Dados *Scopus*, fevereiro, 2016

Aqui são analisados todos os 41 artigos localizados no campo de pesquisa nesse período (2003 – 2015), os quais representam o *corpus* da pesquisa e seguem elencados no Quadro 01, considerado o descritor “alteridade”, exclusivamente na área de conhecimento das Ciências Sociais e Humanidades²⁶. O acervo total dessa grande área na base de dados *Scopus* é superior a 5.300 títulos (o que indica que a

²⁶ A consulta à base de dados selecionada (*Scopus*) dá-se por área de conhecimento, cuja classificação difere da nomenclatura adotada pelo CNPq, embora guarde afinidades. Na *Scopus* as áreas de conhecimento que aglutinam as informações do seu acervo são: Ciências da Vida, Ciências da Saúde, Ciências Físicas e Ciências Sociais e Humanidades. Aqui optamos pela grande área Ciências Sociais e Humanidades.

preocupação acadêmica com o tema faz-se presente nesse período em apenas 0,8%, aproximadamente, desse universo de publicações). As publicações em língua estrangeira foram acessadas já na versão em português que a base consultada faculta.

A categorização por subárea de conhecimento²⁷ resultou de um esforço das pesquisadoras para fins didáticos devido ao caráter interdisciplinar das produções analisadas, considerada a predominância de enfoque. Já de antemão pode-se afirmar a comum recorrência por subárea a autores de outras subáreas, fato que enriquece as pesquisas e suas conclusões.

QUADRO 01

ESPECIFICAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

| TÍTULO DO ARTIGO E NÚMERO DE ORDEM | AUTORES | PERIÓDICO, VOLUME/Nº/ MÊS/ANO | CATEGORIZAÇÃO POR SUBÁREA |
|---|------------------------------|--|----------------------------------|
| 1 A Educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os "outros". | Carlos Skliar | PONTO DE VISTA, Florianópolis, n. 05, p. 37-49, 2003 | Educação |
| 2 Da Intersubjetividade à Intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade. | Nelson Ernesto Coelho Junior | PSICOLOGIA USP, 2003, Vol. 14, nº. 1, 185-203 | Psicologia |
| 3 Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica | Marcio Goldman | ETNOGRÁFICA, Vol. X (1), 2006, p. 161-173 | Antropologia/ Sociologia |

²⁷ Nessa categorização usamos as subáreas da grande área do conhecimento denominada pelo CNPq: Humanidades, à exceção apenas da subárea Educação Física que o CNPq classifica na grande área de conhecimento das Ciências da Saúde. Ver <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>

| | | | |
|---|---|--|-------------------------------------|
| 4 Os desafios da alteridade: considerações sobre gênero e sexualidade entre militantes de uma ONG/Aids carioca. | Ana Paula V. Zaquieu | HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 33-54, jan.-mar. 2006. | História/ Filosofia/ Política |
| 5 Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. | Rita Laura Segato | MANA, UFRJ, 12(1): 207-236, 2006. | Antropologia/ Sociologia |
| 6 Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. | Maria Luisa Sandoval Schmidt | PSICOLOGIA USP, 2006, 17(2), 11-41. | Psicologia |
| 7 As plantas que curam e as 'qualidades do ser': sobre ontologia e alteridade ameríndia. | Marco Antonio Gonçalves | HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, SUPLEMENTO, p.317-322, dez. 2007 | Antropologia/ Sociologia |
| 8 Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. | Livia Godinho Nery Gomes Nélson da Silva Júnior | PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA, abr. – jun. 2007, Vol. 23 n. 2, p. 149-158. | Psicologia |
| 9 Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. | Mylene Mizrahi | HORIZONTES ANTROPOLÓGICO S, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 231-262, jul./dez. 2007. | Psicologia |

| | | | |
|--|---|---|-----------------------------|
| 10 Acolhimento ou rejeição: a interpretação como relação problemática com a alteridade – acerca do verbo alemão <i>dolmetschen</i> . | Pascal David | PSICOLOGIA CLÍNICA, Rio de Janeiro, VOL.20, N.1, P.57 – 63, 2008. | Letras/Artes |
| 11 No labirinto, espadas e novelo de linha: Beauvoir e Haraway, alteridades e alteridade, na teoria social. | Suely Kofes | ESTUDOS FEMINISTAS, Florianópolis, 16 (3): 424, setembro-dezembro/2008. | Antropologia/ Sociologia |
| 12 Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização: o “trans” em “transnacional” é o mesmo “trans” de “transcendente”? | Joel Robbins | MANA, UFRJ, 14 (1): 119-139, 2008 | Antropologia/ Sociologia |
| 13 Jogos de alteridade em: A menor mulher do mundo, de Clarice Lispector. | Rafael Climent-Espino | ROMANCE NOTES, Volume 49, Number 3, 2009, p. 339-346 (Article) | Letras /Artes |
| 14 Trabalho em saúde e a implantação do acolhimento na atenção primária à saúde: afeto, empatia ou alteridade? | Alessandro da Silva Scholze Carlos Francisco Duarte Junior Yolanda Flores e Silva | COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO. v.13, n.31, p.303-14, out./dez. 2009. | Biologia/Saúde |

| | | | |
|---|--|--|------------------------------|
| 15 Alteridade radical: implicações para o cuidado em saúde. | Liliane Brandão Carvalho José Célio Freire Maria Lúcia Magalhães Bosi | PHYSIS Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]: 849-865, 2009. | Psicologia |
| 16 Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. | Rita Marisa Ribes Pereira Raquel Gonçalves Salgado Solange Jobim e Souza | CADERNOS DE PESQUISA, v. 39, n. 138, set./dez. 2009 | Psicologia |
| 17 Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. | Rogério Cruz de Oliveira Jocimar Daolio | MOVIMENTO, v.16, n.01, p. 149-167, janeiro/março de 2010. | Educação Física/ Desporto |
| 18 De pivete a funkeiro: genealogia de uma alteridade. | Angela Arruda Marilena Jamur Thiago Melicio Felipe Barroso | CADERNOS DE PESQUISA, v.40, n.140, p. 407-425, maio/ago. 2010 | Psicologia |

| | | | |
|--|--|--|-----------------------------|
| 19 Os outros do outro: o espaço da alteridade no pensamento de Octavio Paz, Emmanuel Lèvinas e Jean-Paul Sartre. | Rodrigo Guimarães | REVISTA VIRTUAL DE LETRAS, São Paulo, v.51, n.2, p.245-263, jul./dez. 2011. | História/Filosofia/Política |
| 20 A escrita narrativa e a emergência das vozes sociais: uma aposta para a valorização da alteridade no (con) texto das ciências humanas e sociais. | Mário Henrique da Mata Martins | ATHENEA DIGITAL - 11(2): 3-15 (julio 2011) | Antropologia/Sociologia |
| 21 Biologia, subjetividade e alteridade. | Teresa Cristina Soares Dina Czeresnia | COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO v.15, n.36, p.53-63, jan./mar. 2011 | Biologia/Saúde |
| 22 Saúde indígena e políticas públicas: alteridade e estado de exceção. | Anita Guazzelli Bernardes | COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO v.15, n.36, p.153-64, jan./mar. 2011 | Biologia/Saúde |
| 23 Formação de profissionais que atuam em escolas de educação básica localizadas no semiárido brasileiro: uma contribuição aos estudos da alteridade nas políticas públicas. | Ada Augusta Celestino Bezerra Margaréte May Berkenbrock-Rosito | ENSAIO: AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 165-190, jan./mar. 2011 | Educação |

| | | | |
|---|--|--|-----------------------------|
| 24 Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. | Natália de Toni Guimarães dos Santos Isabel Fortes | PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2011, 22 (4), p. 747-769 | Psicologia |
| 25 Psicanálises, antropologia e alteridade: apontamentos para um debate. | Mauricio Rodrigues Souza | PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v. 17, n. 1, p. 131-140, jan./mar. 2012 | Psicologia |
| 26 Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético - crítica do saber em Lèvinas. | Marcos Alexandre Alves Gomercindo Ghiggi | EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, Campinas, v. 33, n. 119, p. 577-591, abr.-jun. 2012. | Educação |
| 27 A representação dos povos de Gog e Magog no mapa de Hereford e a percepção da alteridade na baixa Idade Média. | Paulo Roberto de Nunez Soares | REVISTA TEMPO, Rio de Janeiro, v. 33, 2012 | História/Filosofia/Política |
| 28 Alteridade privilegiada: confrontos futebolísticos entre brasileiros e argentinos na imprensa carioca (1939-1945). | Tiago Lisboa Bartholo Alexandre Fernandez Vaz Antonio Jorge Gonçalves Soares | ANÁLISE SOCIAL, Revista da Universidade de Lisboa. V. 203, XLVII (2º trimestre), 2012. p. 402-422. | Educação Física/Desporto |

| | | | |
|---|--|--|-----------------------------|
| 29 O mar da alteridade e o lastro da recriação dos contos africanos de transmissão oral em Rogério Andrade Barbosa. | Celso Sisto Silva | NAU LITERÁRIA: CRÍTICA E TEORIA DE LITERATURAS, UFRGS, Porto Alegre. vol. 09, n. 01. Jan./jun. 2013. UFRGS | Letras/Artes |
| 30 Alteridade e subjetividade em E. Lèvinas. | Antonio Sidekum, | UTOPIA Y PRAXIS LATINOAMERICA NA Universidad del Zulia Maracaibo, Venezuela. vol. 18, núm. 60, enero - marzo, 2013, p. 31-39 | História/Filosofia/Política |
| 31 O método psicanalítico aplicado à pesquisa social: a estrutura moebiana da alteridade na possessão. | Daniela Bueno de Oliveira Américo de Godoy José Francisco Miguel Henriques Bairrão | PSICOLOGIA CLÍNICA, Rio de Janeiro, vol. 26, n.1, p. 47 – 68, 2014 | Psicologia |
| 32 Mário e Drummond: nacionalismo, alteridade, arte | Simone Rossinetti Rufinoni | ESTUDOS AVANÇADOS, V. 28 (80), 2014 p. 247 – 264 | Letras/Artes |

| | | | |
|---|---|--|------------------------|
| 33 Filósofos naturais do demônio: astronomia, alteridade e missão no sul da Índia, século XVII. | Thomás A. S. Haddad | HISTÓRIA UNISINOS, 18(1):3-14, Janeiro/Abril 2014 | História/ Filosofia |
| 34 O déspota e os escravos: a alteridade brasileira na independência do Uruguai (1821-1828). | Murillo Dias Winter | ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, PUCRS, v. 40, n. 2, p. 326-347, jul.- dez. 2014 | História/ Filosofia |
| 35 Silenciamento, alteridade e autoria n'O Alienista em quadrinhos. | Lucas Piter Alves Costa | NAU LITERÁRIA: CRÍTICA E TEORIA DE LITERATURAS, UFRGS - Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan./jun. 2014 | Letras/Artes |
| 36 Avaliação de política em saúde mental sob o viés da alteridade radical. | Taís Bleicher José Célio Freire José Jackson Coelho Sampaio | PHYSIS - REVISTA DE SAÚDE COLETIVA - Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal - Sistema de Información Científica. UERJ, vol. 24, núm. 2, abril - junio, 2014, p. 527-543 | Biología/Saúde |

| | | | |
|---|---|--|-------------------------------------|
| 37 Ética e estética da alteridade em Horkheimer, Adorno e Freud: comentários a partir de “elementos do antissemitismo” e “o inquietante”. | Mauricio Rodrigues de Souza Joel Birman | PSICOLOGIA & SOCIEDADE, 26 (2), 2014, 251-260. | História/ Filosofia/ Política |
| 38 E a etnologia fez os cineastas sonharem: olhar etnológico e alteridade no cinema brasileiro entre 1970 e 1980. | Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior | BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. CIÊNCIAS HUMANAS, v. 9, n. 2, p. 417-442, maio-ago. 2014. | Letras e Artes |
| 39 Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. | Antonádia Borges, Ana Carolina Costa, Gustavo Belisário Couto, Michelle Cirne, Natascha de Abreu e Lima, Talita Viana, Stella Z. Paterniani | REVISTA SOCIEDADE E ESTADO. V. 30 N. 2 maio/agosto 2015 | Antropologia/ Sociologia |

| | | | | |
|----|---|--|--|------------|
| 40 | Reconhecendo a alteridade do Analista: uma caracterização do trabalho analítico fundamentado no cuidado. | Estela Ribeiro Versiani Luiz Augusto M. Celes | PSICOLOGIA CLÍNICA, Rio de Janeiro, vol. 27, n.1, p. 213-223, 2015 | Psicologia |
| 41 | Infância(s), alteridade e norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. | Patrícia de Moraes Lima | CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS, v. 15, n. 1, p. 94-106, jan./abr. 2015 | Educação |

Fonte: Autora a partir da Base de Dados *Scopus*; **Data:** fevereiro, 2016

Os dados foram tratados conforme a metodologia de Bardin²⁸, enfatizados os diferentes contextos, de modo a dimensionar a categoria e a amplitude da alteridade e buscar as referências contemporâneas mais utilizadas pela comunidade acadêmica internacional e nacional para sua compreensão.

As etapas da metodologia desenvolvida podem ser resumidas em quatro, considerando a contribuição de Bardin²⁹: a) pré-análise: quando procuramos sistematizar as ideias iniciais a partir da leitura de cada artigo, identificando os elementos já indicados e formulando hipóteses orientadoras da interpretação; b) exploração do material: fichamento minucioso de cada artigo e categorização; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação; d) análise e ressignificação da produção em função dos objetivos da pesquisa; d) síntese e seleção de resultados, inferências e interpretação.

²⁸ Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*

²⁹ IBID.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

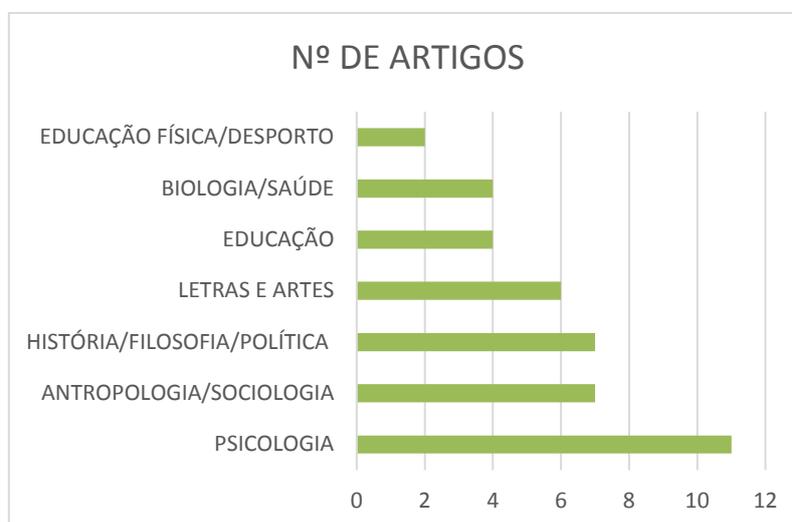
No Quadro 01 verifica-se que a maior incidência de publicações qualificadas sobre o tema recai nas subáreas Psicologia e Antropologia/Sociologia, com igual representação de 21,9% em cada uma delas; seguem-se as subáreas de Letras/Artes (14,6%), Educação, Filosofia e Saúde (cada uma delas com 9,8%), História (7,3%) e Educação Física e Desporto (4,9%). O mapeamento inicial é visualizado no Gráfico 02:

GRÁFICO 02

DEMONSTRATIVO DAS PUBLICAÇÕES QUALIFICADAS

CATEGORIZADAS POR SUBÁREA/GRUPO DE SUBÁREAS DO CONHECIMENTO

BASE DE DADOS WEB SCOPUS 2003 – 2015



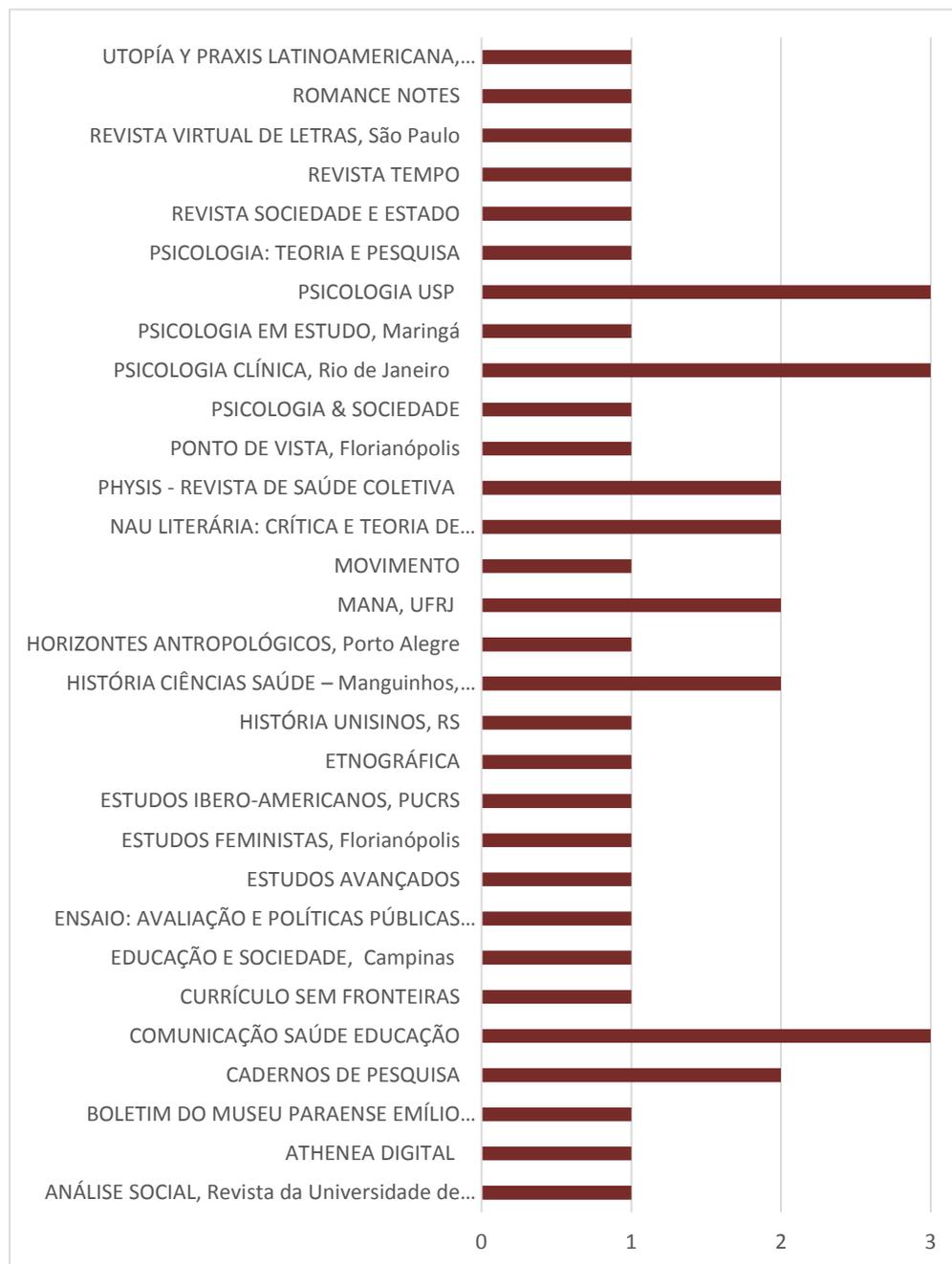
FONTE: Autora a partir da Base de Dados *Scopus*. **DATA:** 23/03/2016

Quanto aos periódicos que têm publicado esses artigos, objeto dessa análise, observa-se alta dispersão (os 41 artigos são publicados em 30 revistas diferentes). O Quadro 03 relaciona esses periódicos, em ordem alfabética, com os respectivos

quantitativos de publicações. Destacam-se com três publicações: PSICOLOGIA USP; PSICOLOGIA CLÍNICA (Rio de Janeiro) e COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO.

GRÁFICO 03

DEMONSTRATIVO DAS PUBLICAÇÕES SOBRE ALTERIDADE POR PERIÓDICO QUALIFICADO



Fonte: Autora a partir da Base de Dados *Scopus*; **Data:** fevereiro/2016

Concluída essa panorâmica do estado da produção do conhecimento sobre alteridade na área de conhecimento das ciências sociais e humanidades, no período de 2003 a 2015, e com a clareza teórico-prática que ela proporciona, ficaram evidentes a sua atualidade como categoria, a proximidade e, ao mesmo tempo, sua especificidade em relação à identidade e à solidariedade, assim como a presença nos diferentes paradigmas da ciência moderna, o que corrobora o pensamento de Hall (2003) ao afirmar que “a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica (...)”³⁰.

Os autores que representam a base teórica dos diferentes estudos analisados, referente às publicações 2003 a 2015, catalogadas na base de dados *Scopus*, são muitos, indicativos de uma dispersão que responde seguramente às especificidades de cada área do conhecimento. Entretanto registra-se a predominância de certos autores, como é o caso de Lèvinas³¹ (especialmente suas obras de 1974 e 1988, consideradas clássicas no tema da alteridade), Derrida³² e Silva et al.³³, que atravessam as diversas subáreas ou grupos de subáreas de conhecimento nas quais foram aglutinadas neste artigo, tanto vertical quanto horizontalmente, facultando a profundidade e a interdisciplinaridade (Ver Figura 1). As obras de Lèvinas que emergiram como mais presentes além das destacadas na figura foram: 1947; 1972; 1974; 1980; 1982; 1983; 1987; 1988; 1991; 1993; 1997; 2000; 2002 e 2005; as outras publicações mais citadas de Derrida foram de: 1987; 2003 e 2004. As duas obras de Silva foram recorrentemente citadas (2005 e 2013).

Merecem destaque também outros autores/obras que foram muito citados e que se encontram em torno dos teóricos identificados como fundantes da temática. Ampliando-se a Figura 1, percebe-se a presença de várias obras de: Freud [1895;

³⁰ Stuart Hall, *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (Belo Horizonte: UFMG, 2003), 30. Também véase Daniel Muriel, “La mediación experta en la construcción del patrimonio cultural como producción contemporánea de «lo nuestro»”, *AIBR Revista de Antropología Iberoamericana* 10, n.º 2 (2015): 259-288; Jimmy Pierre y Maria Silvia Rosa Santana, “A mediação no processo de aprendizagem social: Ação colaborativa entre o professor e o aluno”, *Opcion* 32, n.º 12 (special Issue) (2015): 254-280.

³¹ E. Lèvinas, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70. 1980).

³² Jacques Derrida, *Anne dufornnantelle invite jacques derrida à répondre de l'hospitalité* (Paris: Calmann-évy. 1997).

³³ Silva et al., “Alteridade: para mim e para si”.

1905; 1911; 1912; 1913; 1915; 1917; 1918; 1919; 1920; 1921; 1925; 1926; 1930; 1976; e 1977); Bakhtin (1895; 1952; 1953; 974; 1975; 2010 e – Bakhtin e Souza – 2005); Csordas (1996; 1999; 2000; 2004; 2005 e 2007); Lacan (1985; 1995; 1998 e 2001); Sousa Santos (1989; 1995; 1998; 1999 e 2003) e Spink (2000; 2003 e 2004), além de Spinke Frezza (1999 e 2004)].

FIGURA 1

AUTORES MAIS CITADOS NOS ARTIGOS



Fonte: Elaborado pela autora, considerando as referências mais citadas em cada artigo; **Data:** 03/2016

A análise dessa figura permite identificar que alguns outros autores foram citados cinco ou mais vezes, na própria subárea e/ou nas demais: Freud (1895; 1905; 1911; 1912; 1913; 1915; 1917; 1918; 1919; 1920; 1921; 1925; 1926; 1930; 1976; e 1977); Bakhtin (1895; 1952; 1953; 1974; 1975; 2010 e – Bakhtin e Souza – 2005); Csordas (1996; 1999; 2000; 2004; 2005 e 2007); Lévi-Strauss (1949; 1958; 1973; 1975; 1989; 1996 e 2003); Mafeje (1962; 1967; 1971; 1975; 1991; 1998; 2001 e 2008); Merleau-Ponty (1942; 1945; 1960; 1964; 1968; 1988 e 1996); Oliveira (1988; 2001; 2002; 2006 e 2007).

Com relação aos descritores emergentes, inferidos das palavras-chave, que totalizaram 183, a Figura 2 põe em realce aquelas que tiveram maior incidência nas pesquisas analisadas: alteridade; o outro; cultura; educação; ética; psicanálise; estética; identidade (ora como categoria geral, ora vinculada ao gênero, cultura e autoral); pesquisa; etnografia e Brasil.

FIGURA 2**DESCRITORES EMERGENTES NOS ARTIGOS**

Fonte: Elaborado pela autora, considerando as palavras-chave dos artigos.; **Data:** 03/2016

O exame da figura 2, preferencialmente ampliada, ainda revela as teorias que buscam dar conta da temática pesquisada: antropológica, crítica, do conhecimento, etnográfica e social, assim demonstrando sua complexidade, que necessariamente envolve teoria e prática.

As investigações estudadas ora voltam-se para a criança e/ou para o adulto, elucidando sempre as relações intra-geracional e inter-geracional como essenciais à alteridade, a diversidade como categoria que lhe é estreitamente vinculada, assim como destacam o caráter disruptivo da diferença diante das zonas de conforto em que estamos instalados. A psicanálise aponta para a desconstrução do profissional do cuidado visando à alteridade, elucidando que o sujeito e o outro integram a mesma estrutura na condição humana de ser social, presente na educação básica e na educação superior.

A multivisão é enfatizada assim como a dimensão política da alteridade: o sujeito ético é o sujeito de responsabilidade política. Daí emerge a necessidade de superação da perspectiva segregacionista (eu e o outro), em favor da ontologia combativa, assim como a solidariedade como esperança da utopia humanista renovada (um novo humanismo). As pesquisas ainda indicam que não se pode trabalhar a alteridade sem considerar a questão das classes sociais. Militância, utopia e a solidariedade implícitas nessa categoria implicam a inserção dos pesquisadores nos universos político, cultural, ético e estético. A arte revelou-se como elemento de enfrentamento

ao poder hegemônico, de consolidação de identidades e alteridades, de construção de novas realidades, a depender dos sujeitos e de sua forma de inserção social.

Considerações Finais

A partir do exposto considera-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Em resposta às questões formuladas, especialmente quanto à metodologia, verifica-se que a temática é abordada à luz de diferentes métodos como: a dialética, a fenomenologia, o método existencial, o método psicanalítico, a etnografia reflexiva, a história oral, a escrita narrativa e a análise de discurso, sendo convergente a conclusão de todos sobre a alteridade nas relações do sujeito com o outro, como traço de identidade e conjunção, que assinalam o universo pluralista da academia. Constatou-se que algumas pesquisas analisadas têm natureza teórica enquanto outras se voltam para o cotidiano, inclusive com teor teórico-empírico.

Nesta investigação, iniciamos mostrando a pertinência dessa categoria da alteridade também no pensamento marxista, razão pela qual concluímos reafirmando que o homem é um ser social, que desenvolve relações consigo mesmo e com o Outro, estabelecidas sob o prisma histórico e econômico. Assim, desde as trocas diretas de mercadorias, constata-se a existência do Outro nos contatos realizados pelos homens, como proprietários privados de meios de produção de mercadorias ou desapropriados desses meios de produção, como pessoas aparentemente independentes entre si que se relacionam em torno do fetiche da mercadoria. Neste aspecto, como membros de comunidades eles trocam mercadorias com outras comunidades e transformam este processo social em algo regular.

No processo de trabalho na sociedade moderna, mesmo que se constate a cooperação, os trabalhadores apenas entram em relação com o mesmo capital, mas não entre si, e deixam de pertencer a si mesmos, incorporando-se ao capital, ao qual fica subsumido. Assim a essência humana se objetiva nos produtos do seu trabalho, o que denota uma (des) humanização do homem e uma perda progressiva dos laços sociais que os uniam em modos de produção anteriores.

Esta investigação possibilita concluir que a relação da alteridade na configuração do modo de produção capitalista, segundo o pensamento marxista, é excludente, pois que o modo capitalista de produção da existência leva a uma negação progressiva do

outro, o que contribui para que o trabalhador seja visto apenas como mercadoria e não mais como um ser social. O outro importa na medida em que é explorado e fica subsumido no capital, zelando-se apenas pela sua reprodução como força de trabalho.

Hoje, vivemos uma crise tanto da humanidade quanto do conhecimento; o presente está desordenado e o planeta insustentável, sem perspectiva do amanhã em meio às múltiplas crises interligadas e, portanto inseparáveis do processo de evolução, que todos acreditam ser de desenvolvimento e progresso, mas que promove rupturas em todas as estruturas educacionais e nas relações humanas. Convivem, paradoxalmente, os ímpares avanços da ciência e da tecnologia com as ameaças à humanidade e ao planeta, pela ausência da alteridade nas políticas públicas e nas relações sociais instaladas como hegemônicas.

Nesse processo a própria organização do conhecimento apresenta as consequências quando são promovidas as rupturas do conhecimento, ou do fenômeno multidimensional, separando os saberes, sem se quer uma articulação para a comunicação entre eles. Essa fragmentação nos leva a ignorar o global do qual fazemos parte, bem como contextualizar o local. Urge nesse momento a necessidade da humanidade dar o grito urgente as questões planetárias, porque toda a crise e desordem comportam as crises históricas que são de caráter planetário. A humanidade carece do fortalecimento da alteridade, para si e para o outro, em um processo de auto avaliação, reconhecendo a presença da loucura e do amor nas ações tipicamente humanas.

Concluimos que não há educação sem alteridade, em qualquer das acepções ou dos referentes – o social, o comunitário, o institucional, o alter-ego. Mais uma vez ratificamos a tese de que a pedagogia na 1ª pessoa só funciona se assente num diálogo entre o *self* e o *me*, não sendo o ensimesmamento viável, nem fecundo em educação. Os modelos de desenvolvimento das nações tem-se configurado pela externalização ou, em situações menos legítimas, pela colonização. Trata-se de categoria central para abordar a questão do rural que, em regra, foi encarado ora como contrastante e arcaico em relação ao urbano, ora como algo a eliminar e a fazer esquecer, ou ainda como salvação ou redenção do homem atual.

Nesse sentido deixa-se aqui registrada a insuficiência de produções na área pedagógica, tanto da educação básica quanto da educação superior, nos limites da pesquisa, sobre o tema, lacuna a ser preenchida por investigações que tragam à tona a

preocupação com a instituição escola, *lócus* privilegiado de formação humana, em particular das universidades, não obstante os demais espaços educativos da sociedade contemporânea, com destaque ao papel do professor, mediador nesse processo de construção de alteridades e identidades. A educação como uma prática social de natureza dialética e transformadora, cujo fim é a emancipação humana, é criadora da própria humanidade do aluno, da sua pessoalização, humanização que se dá pela apropriação da cultura produzida/acumulada social e historicamente. A educação implica a alteridade, em qualquer das acepções ou dos referentes – o social, o comunitário, o institucional, o alter-ego.

Nesse sentido, são fundamentais não só as interações aluno – aluno, professor – aluno ou professor – aluno – conhecimento, mas também as relações escola - sociedade, principal referente do Estado Nação, égide da política educativa e escolar utilizada pelos agentes do poder, que envolve práticas sociais e identidades coletivas (representações simbólicas). A alteridade desenvolve-se na escola pela pedagogia institucional, onde o educacional escolar configura-se como alteridade/instituente por continuidade, complementaridade ou reprodução, entrecruzando-se passado (memória) e futuro (projeto), especialmente na modalidade de cooperativa pedagógica, no que há que se considerar a arqueologia do poder escolar (disciplina, conteúdos etc.).

No contexto da filosofia ocidental o horizonte limitou-se ao sujeito único, na visão antropocêntrica do mundo, das pessoas, da educação, das instituições e das relações, desconsiderando ou “anulando” as diferenças, sob a égide de uma visão historicamente masculinizada que submete o múltiplo ao único. Insistimos, com Lèvinas, na ruptura com essa subjetividade solipsista, valorizando o cotidiano e superando a limitação da alteridade puramente à questão da identidade.

A educação como alteridade ética implica o encontro de pessoas plenas, a tomada de posição diante de atitudes totalitárias e do aniquilamento do outro, a viabilização da aprendizagem, na qual o professor é mediador, com a clareza da responsabilidade pelo outro e do agir ético como alteridade. Impõe-se aqui que o professor faça seu inventário pessoal, explicitando para si sua visão de mundo, de homem e de educação. Este é o ponto de partida (“Conhece-te a ti mesmo”). Essa atitude reflexiva no atual estágio de desenvolvimento científico e tecnológico, da globalização, da internacionalização da economia e da educação, marcado por contínuas inovações e

reconfiguração das relações de trabalho e entre homens em geral, é fundamental identificar a qual paradigma estamos presos e avançar rumo aos novos paradigmas que valorizam a subjetividade.

Finalizando, ressaltamos que esta pesquisa prosseguirá com estudos que progressivamente alcancem as demais bases de dados como *Web of Science*, *Sciello*, CAPES, BDTD, Anais da ANPED e do EPENN), para as quais converge a produção da educação superior.

Referências bibliográficas

Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

Antunes, Ricardo. “The meanings of work: Essay on the affirmation and negation of work”. *Historical Materialism Book Series* 43 (2013): 1-272.

Ariff, Noor Izzati & Zaidatun Tasir . “Meta-analysis of content analysis models for analysing online problem solving discussion”. IEEE Conference on e-Learning, e-Management and e-Services, IC3e 2015 7403503, 148-152.

Barba-Martín, José Juan, Gustavo González-Calvo y Raúl Barba-Martín. “Que la fuerza esté contigo: desvelar el lado oscuro de la investigación en educación”. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación* 7, n.º 14 (2014): 125-140.

<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/MAGIS/article/view/11861/pdf>

Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trans. by Luís Antero Reto & Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70. 2011

Boettger, Ryan K. & Palmer, Laura A. “Quantitative content analysis: its use in technical communication”. *IEEE Transactions on Professional Communication* 53, n.º4 (2010): 346-357.

<http://ieeexplore.ieee.org.ezproxy.puc.cl/stamp/stamp.jsp?arnumber=5625098>

- Cardoso, Adalberto Moreira. “Economia por sociologia: Eficiência ou democracia nas relações de trabalho?”. *Dados* 43, n.º 1 (2000): 45-82.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582000000100002>
- Derrida, Jacques. *Anne dufornnantelle invite jacques derrida à répondre de l'hospitalité*. Paris: Calmann-évy. 1997.
- Franco, Maria Amélia Santoro & Ghedin, Evandro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez. 2011.
- Grané Terradas, Francesco. “Identidad, alteridad y fantasía en un entorno tecnológico”. *Pensamiento* 71, n.º 269 (2015): 1361-1373.
<https://revistas.upcomillas.es/index.php/pensamiento/article/viewFile/6588/6396>
- Guzmán-Valenzuela, Carolina. “Polos epistemológicos: uso y construcción de teoría en investigación cualitativa en educación”. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación* 7, n.º14 (2014): 15-28.
<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/MAGIS/article/view/11852/pdf>
- Hall, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- Hobsbawm, Eric. “Introdução”. In: *Formações econômicas pré-capitalistas by Karl Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.
- Leme Alessandro, André. “Desenvolvimento e sociologia: uma aproximação necessária”. *Sociedade e Estado* 30, n.º 2 (2015): 495-527.
<http://www.scielo.br/pdf/se/v30n2/0102-6992-se-30-02-00495.pdf>
- Lévinas, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70. 1980.

- Marx, Karl. *O capital: crítica da economia política* v.1. Livro 1. Trans. by Regis de Barbosa e Flávio T. Kothe. São Paulo: Nova Cultural. 1996.
- Molar, Jonathan de Oliveira. “Alteridade: uma noção em construção”. In: VIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência Nas Escolas (CIAVE). Curitiba: PUCPR, 1443-1445. 2008.
- Morin, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trans. Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.
- Morin, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Trans. Maria da Conceição de Almeida and Edgar de Assis Carvalho. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- Morin, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo. para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Trans: Juremir Machado da Silva. 2008.
- Morin, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trans. Edgar de Assis Carvalho. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008.
- Morin, Edgar. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Trans. Sandra Trabucco Valenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2009.
- Morosini, Marília Costa y Cleoni Maria Barboza Fernandes. “Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções”. *Educação por escrito, Porto Alegre* 5, n.º 2 (2014): 154-164.
- Muriel, Daniel. “La mediación experta en la construcción del patrimonio cultural como producción contemporánea de «lo nuestro»”. *AIBR Revista de*

Antropología Iberoamericana 10, n.º 2 (2015): 259-288.

<http://www.aibr.org/antropologia/netesp/numeros/1002/100206.pdf>

Navarrete Cazales, Zaira. “La Investigación en educación. Epistemologías y metodologías”. En *La investigación en educación. Epistemologías y metodologías*. Coordinado por Patricia Ducoing. Ciudad de México: Plaza y Valdés/ AFIRSE. *Revista Mexicana de Investigación Educativa* 22, n.º72 (2017): 229-234. <http://www.redalyc.org/pdf/140/14048873011.pdf>

Oliveira, Francisco de. “O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público”. *Novos Estudos Cebrap* n.º 22. (1988): 8-28.

Ortega Ruiz, Pedro. “La ética de la compasión en la pedagogía de la alteridad”. *Revista Española de Pedagogía* 74, n.º 264 (2016): 243- 264. <http://eds.a.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?sid=cbb2d9-685c-4cab-bc2f-ffac9bc160e%40sessionmgr4010&vid=0&hid=4210>

Osuna Lever, Cecilia, Karla María Díaz López y Maricela López Ornelas. “Operacionalización e indicadores de la pedagogía de la alteridad”. *Teoría de la Educación* 28, n.º2 (2016): 185-200. <file:///C:/Users/cpudd/Downloads/15470-54015-1-SM.pdf>

Pereira, Marcos Villela y Magda Floriana Damiani “Agrupados dos avaliadores: Em busca de qualidade na pesquisa em educação”. *Cadernos de Pesquisa* 45, n.º158 (2015): 818-837. <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n158/1980-5314-cp-45-158-00818.pdf>

Pierre, Jimmy y Maria Silvia Rosa Santana. “A mediação no processo de aprendizagem social: Ação colaborativa entre o professor e o aluno. *Opcion* 32, n.º 12 (special Issue) (2015): 254-280. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5852306>

Ramos de Oliveira, Zilma de Moraes. “A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória”. *Revista da Faculdade de Educação, São Paulo* 14, n.º1 (1988).

Santos Gómez, Marcos. “Alteridad y sujeto. Educar desde una realidad rota”. *Bordón: Revista de Pedagogía* 68, n.º 3 (2016): 147-159.
<file:///C:/Users/cpudd/Downloads/34613-143286-2-PB.pdf>

Sebe, Nicu & Qi Tian. “The use of non-conventional methods for content analysis and understanding: panel overview”. MM'10 - Proceedings of the ACM Multimedia 2010 International Conference, 1719

Silva, Soane Menezes Trindade; Machado, Márcia Alves Carvalho; Bezerra, Ada Augusta Celestino. *Alteridade: para mim e para si*. Anais do XXI EPENN. Recife: PE, UFPE, 2013.

Vázquez Fernández, Adrián. Tres conceptos de alteridad: una lectura actitudinal”. *Daimon* 61 (2014): 75- 91 <http://revistas.um.es/daimon/article/view/132141>

Weare, Christopher & Wan-Ying Lin. “Content analysis of the world wide web opportunities and challenges”. *Social Science Computer Review* 18, n.º 3 (2000): 272-292.
<http://journals.sagepub.com.ezproxy.puc.cl/doi/abs/10.1177/089443930001800304>